

## AXA APOIA MICRO-EMPRESÁRIOS

A AXA Portugal assinou um protocolo com a Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) que visa a disponibilização de condições especiais de subscrição de seguros para os micro-empresários. O protocolo deverá beneficiar 572 empresários na subscrição de seguros de acidentes de trabalho, acidentes pessoais, saúde e automóvel.



## TRANQUILIDADE LANÇA CAMPANHA DE SAÚDE

**E**stá já no ar a campanha publicitária da Tranquilidade, anunciando as novidades da seguradora nos produtos de saúde e vida. Rádio, imprensa, Internet foram os veículos escolhidos pela companhia para divulgação dos novos produtos, além dos pontos de venda da companhia.

Sanos Light e Sanos Extra Care são os dois novos produtos disponíveis no segmento de Saúde. O primeiro inclui pequenas e médias intervenções cirúrgicas e internamento e o segundo integra a cobertura de doenças graves e possibilita capitais mais elevados de internamento.

Para as pequenas e micro-empresas, a Tranquilidade lançou o Sanos Negócio e o



Tranquilidade Protecção Vida, coberturas de saúde e vida que vêm complementar a protecção de seguro de acidentes de trabalho.



## INOVAÇÃO NA MDS BRASIL PERMITE BAIXAR CUSTOS

**A MDS Brasil é detida a 100% pela portuguesa MDS, do grupo Sonae**

A MDS Brasil, uma das maiores corretoras do Brasil, detida pela MDS, tornou-se na primeira empresa brasileira a utilizar um novo modelo de computador compacto que permite poupar 73% dos custos energéticos em cada terminal.

O novo computador foi desenvolvido por Mauro Bentes, responsável da área de tecnologias de informação da própria corretora, em parceria com a empresa Intra-lab. Além da poupança energética, o novo modelo de computador ocupa apenas 15% do espaço de uma máquina comum e produz 90% menos calor, reduzindo a necessidade de consumo de ar condicionado. O investimento nesta inovação tecnológica foi de 113 mil euros e a corretora perspectiva uma poupança mensal de 1.168 euros.

## VICTORIA SEGUROS CONTRATA NOVO DIRECTOR COMERCIAL

JOSÉ FILIPE Coelho é o novo director comercial da Victoria Seguros. Depois de ter deixado a Prudens Broker, José Filipe Coelho assume a gestão da rede de agentes da companhia em todo o país. Aos 43 anos, o profissional conta com a experiência acumulada ao longo de 20 anos na área comercial, onde se incluem dez anos na seguradora Allianz Portugal.

## FIDELIDADE E IMPÉRIO REFORÇAM PRESENÇA A NORTE

A FIDELIDADE Mundial e a Império Bonança viram o seu projecto ActivAction chegar este mês ao interior Norte do país.

É no âmbito deste projecto que as duas seguradoras do grupo Caixa Geral de Depósitos têm vindo a reorganizar e a redefinir a sua rede de distribuição nacional, numa vasta operação que separa fisicamente as agências de clientes dos centros de mediadores.

Bragança e Chaves foram as cidades que viram abrir ao público, a 5 de Fevereiro,

as novas agências de clientes e também os seus novos centros de mediadores.

Na semana seguinte, a 8 de Fevereiro, entraram em funcionamento as agências de clientes e centros de mediadores de Lamego, Mirandela e Vila Real.

O Projecto ActivAction prevê a criação de 95 balcões partilhados da Fidelidade Mundial e Império Bonança em todo o país, incluindo ilhas. O projecto deverá ficar concluído ainda este ano.

# COMO ESTAR PREPARADO PARA UM SISMO



JOSÉ ANTÓNIO SOUSA\*

a revista "Égide" – publicada em Portugal pelo Instituto Nacional de Seguros, hoje Instituto de Seguros de Portugal – com recomendações, específicas para o sector segurador, que permanecem totalmente válidas quando uma catástrofe desta natureza acontece:

1) Promover e despertar a consciência do cliente potencial para a compra de coberturas adequadas e necessárias e para a actualização permanente em função de custos de reposição a preços de mercado para que o seguro, enquanto instituição, possa cumprir cabalmente a função social que lhe compete – Em Portugal está-se agora, após o "Lembrete" sísmico que tivemos há um par de meses atrás, a pensar em avançar com uma cobertura obrigatória;

2) Cumprimento estrito das taxas de prémio estabelecidas para as coberturas dos riscos catastróficos – No México ninguém cumpria as tarifas estabelecidas e a luta concorrencial levou muitas companhias a enveredar por um caminho suicida. Numa situação como um terramoto é quase impossível comprovar o grau de suficiência de uma tarifa, uma

vez que os sinistros (felizmente) não ocorrem com a frequência que seria necessária para que se possam estabelecer cálculos actuariais exactos. O que se verificou no México, no entanto, foi que entre o terramoto de 1957 e os dois de 1985, a fisionomia da Cidade do México (e consequentemente a estrutura do risco) mudou de tal forma, que a tarifa feita em 1957, e ainda em vigor à data do terramoto de 1985, era já manifestamente insuficiente para enfrentar a magnitude do sinistro;

3) Criação de uma Comissão Organizadora e Controladora de sinistros catastróficos por companhia, ou preferencialmente para o sector segurador como um todo, que elabore um plano de acção adequado à realidade nacional e que esteja preparada para actuar na eventualidade de uma catástrofe;

4) Levar um controle estrito dos cúmulos catastróficos para poder comprar as coberturas de protecção da retenção necessárias e informar adequadamente o mercado ressegurador nacional e internacional – de sublinhar que há 25 anos os sistemas de computação e administrativos das

seguradoras não eram tão sofisticados como hoje;

5) Ter um Plano de Emergência elaborado para o caso do edifício da própria companhia seguradora ser afectado na catástrofe (no México foram vários) e ter duplicados da documentação mais importante em localizações distintas – uma recomendação que hoje é uma evidência, mas que há 25 anos nem tanto.

Os prejuízos totais causados pelo terramoto de 19 de Setembro de 1985 e pela réplica de 20 de Setembro foram estimados entre os 5 e os 7 mil milhões de dólares. No entanto, apenas 4%, ou seja, menos de 300 milhões de dólares desses prejuízos totais, estavam devidamente amparados por apólices de seguros. Em Portugal estima-se que aproximadamente apenas 16% dos edifícios danificados por um terramoto viessem a estar cobertos ou amparados por uma apólice de seguro. Outro grave problema detectado na altura foi o do infra-seguro nos casos em que havia uma apólice de seguro, ou seja, muitas pessoas até tinham apólice de terramoto, mas deixaram passar anos sem actualizar os valores em

risco. O capital seguro pago pelas seguradoras, que se portaram exemplarmente (poucos meses após o terramoto já mais de 90% dos sinistros estavam regularizados e pagos e apenas riscos muito complexos e grandes unidades fabris ainda estavam em processo de regularização com a ajuda de resseguradores internacionais), foi manifestamente insuficiente para reconstruir muitas propriedades destruídas no terramoto.

Terminei este artigo com um comentário que se veio a revelar extraordinariamente premonitório: "Os riscos catastróficos – inundações, furacões, entre outros – assumem hoje e no futuro – como vimos este Inverno em Torres Vedras e agora no Haiti – cada vez maior importância. Daí a necessidade que existe de encarar-los tecnicamente com a seriedade e o respeito devidos".

O facto é que, em Portugal, aparentemente nada aconteceu desde que este artigo foi publicado e estaremos hoje como estávamos há 25 anos, provavelmente quase tão imprevistos estruturalmente, organizativamente e financeiramente para enfrentar o "big one" que ameaça vir.

\*CEO da Liberty Seguros